

O Cávado



17 DE FEVEREIRO DE 1977 — ANO XII — SÉRIE II — N.º 167
ASSINATURA ANUAL (52 Números) 150\$00 — NÚMERO AVULSO 3\$00
ESTRANGEIRO (pagamento adiantado): via normal, 384\$00; por avião, 440\$00. ESPANHA, ÁFRICA (ex-portuguesa) e BRASIL, 254\$00.
FUNDADO POR JOÃO AMÂNDIO
SEMANÁRIO — AVENÇA

Quem ajuda o pobrezinho?

Quadro deveras confrangedor é este: Portugal de mão estendida para o mundo, pedido de esmola por amor de Cristo nos lábios; o mundo por amor de Cristo a recusar esmola, Portugal de penhor a dar os parcos bens de que dispõe.

Quadro deveras confrangedor é este, mas mais bem confrangedor do que este quadro, pelo desolador significado que tem, é vermos como o velho povo português, (povo que em tempos de já passados tempos, caravelas a singrar mares e mares da terra em fora, história sua na História do mundo escreveu) perante semelhante quadro se comporta.

Uma vez que, longe de procurar formar operante todo, como naturalmente seria de esperar, a fim de cores de derrota em cores de vitória transformar, o vemos entregue a renhidas lutas intestinais: lutas de partidos políticos sobretudo; sem sequer nele parecer reparar.

Por certo que os primeiros homens que no mundo apareceram, seres sem dúvida já em prome-

(Continua na 2.ª pág.)

O País está enfermo

Há coisas que só os muito entendidos na matéria saberão (e talvez não) compreender. Pela nossa parte, confessamos humildemente a nossa incompetência, até porque não temos quem nos ajude a entender.

Desde há muito, mas altamente agravado desde a abertura das «amplas liberdades e seus afins», que existe um círculo vicioso constituído pela subida de salários e, consequentemente, do custo da vida.

Assim, por cada aumento de salários para fazer face ao custo da vida, aparece um agravamento deste, que obriga a novo aumento daquele, e assim sucessivamente.

Ora a nossa medíocre inteligência, não chega para entender onde está a vantagem do aumento seja do que for!!!

Parece-nos que na prática acontece o seguinte; ganha-se 10\$00 e precisa-se de 11\$00, mas se au-

mentar para 100\$00 e são precisos 101\$00, o saldo devedor é sempre o mesmo, ou seja 1\$00, logo é nulo o resultado.

Mas — e aqui é que a porca torce o rabo — aqueles que ganhavam 10\$00 e não foram aumentados para 100\$00, que voltas hão-de dar à vida para a solução do assunto? A falência? O roubo? A fome e a miséria?

Julgamos este problema de difícil solução, que parece não interessar nem a governantes, associações, sindicatos, etc., etc. Os únicos interessados serão as vítimas e a sociedade, em que vivemos.

Dizem que em Democracia é assim, e nós perguntamos então se é verdade o que disse o filósofo Espanhol Jorge de Santayana: «A Democracia é o sistema em que aqueles que sabem tudo não podem fazer nada, e os que não sabem nada, decidem tudo». Será assim?

Andamos neste mundo há mais de 70 anos. Tivemos em Portugal horas de muitas dificuldades e amarguras. Lutamos muito pela vivência de cada um. Resolveram-se problemas muito difíceis, mas em paz e ordem, em perfeita, (ou quasi), comunhão de ideias e necessidades, e as tempestades foram passando e voltávamos a viver o melhor possível, como fruto do entendimento entre os homens, dirigentes e dirigidos.

E agora? Há quasi três anos, que loucura, que descontrolo, que

«falperra», que tragédia, agravada com o desentendimento entre os homens e a desunião dos portugueses!!!

O elemento número um, de que resultara a reorganização da vida anteriormente, onde pára? Quem o levou? Para onde? A quem interessa a desordem anarquicante? Quem porá cobro a tais desmandos? Quem lutará contra a corrupção criminosa que se vem verificando dia a dia?

Depois do 28 de Maio de 1926, dizia-se: «Enquanto houver um lar sem pão, a revolução continua». E agora, depois do 25 de Abril de 1974, temos de dizer: «Enquanto houver um lar com pão, não acaba a revolução»?

Será assim? Pobre Portugal e mísero povo português que caminhais para o precipício aberto em Moscovo e continuado neste país por emissários-covelos da sua e nossa Pátria!!!

O rosário de amarguras vai aumentando de forma arripante. Vai-se perdendo o gosto de viver, porque não se vislumbra uma réstia de esperança que nos dê alento para a recuperação. Uns, porque querem mas não podem, outros podem mas não querem, e lá vamos vegetando neste labirinto em que transformaram a nossa querida Terra!

Dé qualquer modo, é preciso

(Continua na 2.ª pág.)

Ainda sobre as actividades do M. E. I. C.

Hemos de concluir que o actual ano escolar val decorrendo em relação aos anteriores, dum modo bastante mais razoável. As aulas vão-se ministrando sem sobressaltos e, embora se possa encontrar, de acordo com o que se lê, por vezes, nos jornais, um ou outro estabelecimento de ensino onde há, ainda, falta de professores, a verdade é que a vida escolar se desbobina sem os lamentáveis gravames que se notaram em anos recentemente passados.

Também a camada estudantil parece ter enveredado por caminhos mais estáveis, pondo de lado constantes protestos e reivindicações que nada adiantavam e, ao contrário, só prejudicavam as tarefas escolares e os bons resultados — que é lícito desejar dum aturado e profícuo trabalho.

Foram muitos os entraves à actividade do Ministro e ao normal funcionamento do M.E.I.C., mas, felizmente, o panorama dir-se-ia modificado e o corrente ano lectivo val singrando, crêmos poder afirmá-lo, com regularidade. Se é certo que, uma ou outra vez, se ouvem algumas vozes desencontradas e discordantes, não é menos exacto que o termómetro, pelo sector da Educação, val marcando uma temperatura mais ou menos constante. Nem tudo se terá ainda conseguido, é verdade, mas o caminhar lentamente é, com frequência, a melhor maneira de se alcançar a meta desejada. Não se extirparam, ainda, dos livros escolares alguns trechos

de características «somarenses» ou «fidelianas» nem tão pouco se restituiu à História Pátria o lugar a que tem jus; contudo, é de esperar que tal se venha a remediar e os nossos escolares possam, de novo, encontrar, nos seus livros, autores portugueses e se voltem a familiarizar com as notáveis figuras dos Grandes de Antanho, que fizeram gloriosa a Pátria Portuguesa.

É já sintoma agradável a verificar que, em actos oficiais, quer ao nível militar, quer civil, se exaltam aqueles que, neste Portugal de quase nove séculos, concorreram não, apenas, para a grandeza duma Nação, mas, o que é mais, para o aperfeiçoamento da Humanidade.

E será, sem dúvida, pela acção desenvolvida pelo M.E.I.C. que os

homens de hoje, alicerçados no exemplo dos seus Antepassados, poderão projectar Portugal no fu-

(Continua na 4.ª pág.)

Repondo a verdade

Bela resposta (fascista)...

Os portugueses, residentes no Brasil, não deixam ficar a honra de Portugal ao capricho de «portugueses» pagos que, agora, ali vão com ares de grandeza e de triunfo. O último número, que recebemos

de «O Mundo Português» traz uma carta, que, ainda que longa, desejamos arquivar para consagração da verdade «fascista» que presentemente tentam negar ou minimizar. A carta é de Luisa Martinez

Pacheco a propósito de umas declarações de J. Aleixo Sommer Ribeiro.

«Tive, há dias, a oportunidade de ler, no Jornal do Brasil, a entrevista concedida àquele periódico pelo sr. J. Aleixo Sommer Ribeiro, director do Serviço de Exposições da Fundação Calouste Gulbenkian e membro do Conselho Setorial de Artes Plásticas da Secretaria de Estado da Cultura.

Surpreendem determinadas afirmações, destituídas de fundamento, feitas pelo sr. J. A. Sommer Ribeiro que, por estar intimamente ligado às artes plásticas do nosso País, dificilmente se pode pressupor carente de informação. Afirma, por exemplo, este senhor, que o «regime salazarista não chegou a acabar com a arte portuguesa contemporânea». Qualquer de nós, sem cargo algum de responsabilidade no âmbito das artes plásticas, como

(Continua na 7.ª pág.)

Modos de pensar

Havia em Luanda um rapaz novo, o padre Pereira que se exprimia assim, falando dos seminaristas negros: para eles as nossas regras de moral não são válidas porque aquilo que será bom no Puto (Portugal) não o será em Angola e é por isso que o furto lhes não repugna nem o adultério os aborrece e também ser casto lhes parece impossível. Por sua vez, um professor do seminário maior de Nova Lisboa contou que em 1974 à última

hora se soube que um preto a ordenar de diácono tinha manceba para ter um filho.

O nosso raciocínio tem forma aristotélica, quer dizer, três termos, mas o dos indianos tem cinco. Por exemplo: 1.º há fogo na floresta; 2.º porque lá vê-se fumo; 3.º ora onde há fumo há lume; 4.º mas a floresta mostra fumo; 5.º logo, há lá fogo (ver Glasenapp — A filosofia Indiana — 1951, pág. 190 — em Francês).

(Continua na 5.ª pág.)

LIVROS NOVOS

HÉLIO COSTA FERREIRA

Vaga - O rio do teu senhor - As virgens - O fosso da mentira - O Morcego e A Cidade do Não

O autor não pontua. Ora, se a poesia é, de natureza, fantasia, imagem, fluidez e mistério, corre-se o risco de não saber o que pretende comunicar connosco. Por exemplo, «Paragem absoluta/no seu próprio meditar/indefinida ameaça/sussurro de tanta luta/restrita incerteza incapaz/de nunca realizar/Fracassa/Pensa/Volteia, etc., etc. («A cidade do Não», pág. 23).

Ou ainda: «tu que sentes e não mentes/tu que mentes e não sentes/mesmo mesmo quando quando/mesmo quando quando mesmo». (Idem, pág. 47).

Por outro lado, os temas são do género de **muro, venda, ébrio, fiquei gelada e vivi, tive medo**, em suma, mais de índole filosófica ou ensaio do que poética. Quer isto dizer que, sendo embora o autor vate espontâneo e de grande riqueza emocional, qualidades fundamentais para traduzir em verso os sentimentos da alma,

apesar disso, os poemas não são de molde a entusiasmar o leitor.

Que sugerimos? Pois, se algo se pode sugerir à espontaneidade do vate, é que faça do poema o veículo da comunhão dele com todos nós, aligeirando-o de temas sombrios e clarificando-o, dentro do possível, da fluidez que lhe estorva a expressão límpida e transparente.

Presença e Diálogo

Ano VII, vol. IV

Temos presente o n.º de Dezembro último e não resistimos a repetir, mais uma vez, que se trata de verdadeiro milagre em relação à existência e resistência desta

Portugal não entra já para o Mercado Comum

Drogaram-nos com uma propaganda pouco inteligente acerca da entrada de Portugal para o Mercado Comum. A coisa era apresentada como tratando-se de favas contadas. Mas: o Mercado Comum ficaria diminuído, se Portugal não viesse a fazer parte do club.

Afinal... ainda não fomos recebidos e será muito difícil que o venhamos a ser. É que o óbice imposto obriga a rever a nossa

sociedade socialista, inoperante e caótica: empresas em deficits e que não conseguem safar-se do caos; relações de trabalho cão/gato, absentismo e preguiça a todo o panc...

O ajuste de contas terá de ser terrível. Mas, quanto mais cedo, melhor...

Contra a greve da Função Pública, argumentos da Velha Senhora...

Somos contra a greve da Função Pública, não porque estejamos de acordo em que o aumento de 15% é o melhor ou o ideal, mas porque a greve nunca deve ser declarada pelo gosto da greve. A greve é o último recurso, quando os outros se tornaram inúteis.

Sobretudo não concordamos com a greve, quando se opõe frontalmente à lei, à autoridade, ao governo, de modo especial, quando referendada pela Assembleia da República.

Aonde lmos parar, se a lei se torna vã e inútil?

O governo tomou medidas drásticas para a evitar, que aplaudimos. Só estranhámos que usasse palavras do «antigamente»... Segundo o argumento oficial, só os trabalhadores têm direito à greve. Os servidores do Estado, como funcionários e agentes, não.

Ó Zé, não ouviste esta música, anos a fio, na outra Senhora? Os de agora não terão inventiva?

Governo desconhece a Constituição?

A gente lê e pasma! O Grupo Parlamentar do PSD pretende que sejam revogados todos os impostos decretados pelo Governo, desde a entrada em vigor da Constituição Portuguesa e dos seus órgãos de soberania, sob a alegação de que caberá à Assembleia essa tarefa. Assim, caso a proposta do PSD seja aceite, ficará sem efeito, por exemplo, o recente aumento do preço da gasolina e, o aumento de 10% sobre o Imposto Complementar.

Mas que é lá isso? Será que o Governo desconhece a Constituição?

Rodoviária Nacional: a sangue-suga!...

Os ministérios das Finanças e dos Transportes e Comunicações determinaram, num despacho conjunto publicado no «Diário da República», um reforço da dotação de capital da empresa no montante de 715 mil contos.

Acabem com isso, gente. Mandem as nacionalizações para a sucata!...

No antigamente, estas rodovias pagavam elevados impostos, ofereciam bilhetes acessíveis aos passageiros, garantiam passagem livre a estudantes pobres e pagavam salários e descontos para a previdência e para o desemprego. Agora é o que se vê: aos milhões...

Até quando?

O leitor sabe que se calcula em 1.200.000 contos o prejuízo da Rodoviária Nacional em 1976?

Portugal, o 2.º lugar na inflação em 76...

Segue-se a descrição pormenorizada (em primeiro lugar o número de Dezembro, seguido do aumento anual):

Canadá — 0,3 e 5,8; Estados Unidos — 0,3 e 4,8; Japão — 1,1 e 10,4; França — 0,3 e 9,9; Alemanha Federal — 0,5 e 3,9; Itália — (Não se dispõe do número de Dezembro), 21,3; Inglaterra — 1,3 e 15,1; Áustria — 0,5 e 7,2; Bélgica — 0,5 e 7,6; Dinamarca — 0,3 e 13,1; Finlândia — 0,3 e 12,3; Grécia — (Não se dispõe do número de Dezembro), 11,4; Islândia — 2,2 (no último trimestre) e 31,4; Irlanda — 0,7 e 8,5; Holanda — 0,8 e 8,3; Noruega — 0,3 e 8; Portugal — 4,9 e 26,8; Espanha — 1 e 19,8; Suécia — 0,5 e 9,8; Suíça — 0,2 e 1,3; Turquia (não se dispõe do número de Dezembro), 17,4; Austrália (não se dispõe da percentagem de Dezembro), 13,9; Nova Zelândia — 0,9 (último trimestre) e 15,6.

Deixamos de combater em África para combater noutra lado?

USA concederá a Portugal 30 milhões de dólares, baseada nos

(Continua na 3.ª pág.)

Quem ajuda o pobrezinho?

(Continuação da 1.ª pág.)

tedora inauguração de «uma nova espécie de vida», como tão bem Teilhard de Chardin soube dizer, não apareceram de versos de Rilke nos lábios.

Mas por certo que nem por isso os primeiros homens que no mundo apareceram, mal à sua volta lançaram ansiosos olhares (embora não com o sentimento do poeta alemão, que de tempo necessitou a vida para produzir Rilkes) deixaram de logo notar a sinistra estranheza de quanto os rodeava.

O que logo por certo os fez sentir também instintiva necessidade (tanto embora sem versos de Rilke nos lábios, como sem palavras de Sartre no coração: l'enfer c'est les autres;) de formar agueridos grupos de luta pela vida.

Porém, longe estão tão remotas formas de agrupamentos humanos, qualquer que seja o modo porque pretendemos vê-las, de poder representar legítima ancestralidade (não encontramos mais feliz maneira de dizer) daquilo a que hoje chamamos nações, ou seja, das formações históricas que G. Dena, em Diritto Internazionale, muito bem define, quando assim diz:

«La nazione é un organismo ético sociale, che risulta de un complesso di elementi naturale, principalmente dalla razza, dalla lingua, dalle indole, dalle tradizioni, dai costumi, dalle aspirazioni.»

Porque nada nos primitivos grupos humanos houve de nação.

No entanto, quando vemos o povo português, povo que povo de nação não pode deixar de ser, comportar-se conforme se comporta, perante o confrangedor quadro que traçamos: entregue a renhidas lutas intestinais, lutas de partidos sobretudo, sem quasi no quadro parecer reparar; não podemos deixar de a nós mesmo perguntar, quasi com afirmativa resposta na boca, se não estará o povo português, perdido nele o sentimento de nação, em franco regresso a agueridos grupos primitivos.

Está Portugal a construir uma democracia? A democracia implica existência de partidos? A democracia nada em si contém de anti-nação. Com nação pode até chegar a indentificar-se. O que é necessário é não a deixar morrer nos partidos; mas sim fazer com que os partidos nela consigam viver...

GARCIA LOPES

revista. Vive só da valiosa ajuda de assinantes e anunciantes, a par com a generosa colaboração dos que a lançam e lhe garantem a saída a tempo e horas.

E não deve nada a ninguém, graças a Deus. E com o alto nível que revelam os trabalhos nela publicados.

Este volume abre com o estudo — **Para onde vai Portugal?**... por Armando Correia e Júlio Vaz; **A origem da vida** (notabilíssimo!), pelo Eng.º Paulino de Magalhães; **Rito Bracarense depois do «Codex Rubricarum»**, por A. Luís Vaz; **Recordar os que morrem — Bakunine, David Hume, Heldegger, e Mao Tsé-Tung**, um trabalho primoroso de Domingos Guimarães Marques; **Cronologia dos jornais de Barcelos** (um estudo indispensável da história daquela cidade, nomeadamente através dos seus órgãos de imprensa), por Dr. Francisco Alves de Almeida; seguem-se crónicas desprezíveis: **Braga de há meio século e Música Religiosa em Braga no século XX**; Júlio Vaz fala-nos de saber se «O «Eurocomunismo» é uma realidade ou uma tática; fecha com Livros Novos.

Uma revista do maior interesse e que terá de ser consultada no futuro pelos especialistas e pelos historiadores, de tal modo os seus trabalhos se evidenciam como pioneiros e de topo.

Governos Civis de Orense - Braga - Viana do Castelo - Pontevedra estudam dinamização de contactos

Os governadores Civis de Viana e Pontevedra estiveram reunidos em Santa Luzia com vista a retomar os contactos para uma dinamização mais intensa das relações entre Portugal e Espanha. Em breve, igual contacto entre os Governadores Civis de Braga e Orense.

Ótimo será que estes contactos permitam a análise dos problemas da fronteira, nomeadamente trânsito e comércio.

É obsoleto que se tenha de apresentar passaporte para ir a Espanha e vice-versa, sobretudo para os fronteiriços. O mesmo se diga em relação ao comércio: deve-

ria ser livre, ao menos para as populações da fronteira.

Enquanto isto se não realizar, tudo o mais será retórica e sonho.

O País está enfermo

(Continuação da 1.ª pág.)

defender o País dos abutres que nos ameaçam. Se os homens não querem, Invoquemos Santa Maria de Belém, para que Ela queira, já que tudo pode, e venha defender o Seu Padroado — PORTUGAL —, que está enfermo e não se salvará, certamente, sem a Sua protecção Maternal.

Nós o pedimos em nome de tantas vítimas da «descolonização», da Reforma Agrária, das nacionalizações e dos tumultos e pilhagens desencadeadas em todo o País, como que fazendo uma sementeira de maldição.

Confiamos em Vós, Padroeira de Portugal.

VIAGEIRO

TRIBUNA LIVRE

As nótuas bairradinas

e a camisa de onze varas de M. S.

por M. Castelão

1. Vamos aos capítulos da austeridade, constitucional... pois a dos *Vascos foi intragável!* E todos não são de mais... logo que a lógica seja produto socialista. Pois a austeridade, desta ingerência, tem sido uma «fatura exemplar...» Em vez de remodelar, vai remendando os buracos da camisa, com o resto do pano ou matéria plástica, acumulados nas Pescas, nos técnicos e noutros cantos, afim de evitar perdas de salários mensais! São largos contos a menos!...

E o barco à mesma, porque, *muita gente junta, não se salva... toda!* Foi sempre assim!...

2. Agora a mais «capitosa» austeridade do M. Carreira, está no tardio esclarecimento do seu programa de tantas dificuldades, em não saber gastar as *massas alheias...* se estas forem abonadas, claro!...

Este seu programa faz-nos lembrar a cópia do «testamento, de A. Spínola», em 28 de Setembro, 74.

Nem sempre as aparências iludem, é o caso! E para obviar à *inevitável austeridade*, acaba por aumentá-la com a posse de mais dois vice-governadores do capital do B. de P., garantindo-lhes todo o (seu) apoio e auxílio para melhor *enraizamento* da «genial» *democracia*, no que está bem enganado. O povo já anda com o *credo na boca*, a ingerir o deficit dos pratos da balança, com mil e cem milhões de dólares... fora os cuançais!

Até dá vontade de os demitir a todos!...

3. No capítulo do trabalho, é que *a porca torce o rabo*, por a corda ser mais M. Curta! Mesmo assim, pós o 25 de Abril, continua a corda a partir... e logo todos... gritam... uns pelos outros! O maior progresso do ponto da situação, tem sido o dos sindicalistas, com as suas *torpes exigências partidárias*, exigindo o saneamento da competência, de quem lhe dera o pão a ganhar, mesmo sem contrato. Quanto a nós, fazíamos como fazem os marxistas... resolvíamos logo os problemas — os que que-

rem trabalhar para um lado e os que não querem, rua!... Mas é o próprio M. Soares que os incita à «distribuição da riqueza da produção...» *deles*, bem entendido! E como nada produzem... onde vão comer e gozar o 13.º mês?... E governa-te «mariazinha» em casa vazia!...

4. Outro capítulo audaz dos *bombistas internos*, foi M. Freitas, pessoa da confiança da maioria dos portuenses, ter sido atingido com a maior bomba da «aliança» da estupidez interna! E se estupidamente lhes fizessem o mesmo? Depois da visita do V. Alves, a Cuba, da qual recebeu boas lições, não seria lógico reassumir o M.E.I.C.?

5. Aqui temos um problema agro-pecuário de emergência, nesta Bairrada, de Courelas... que muito surpreende os fornecedores do leite de vacas. Disse-nos um dos queixosos... quase há 2 meses que não recebe o dinheiro e já passa de dez contos fiados!... Outro diz que tem apenas 1 vaca e dificuldades em sustenta-la, porque lhe falta o pasto e o dinheiro para comprar farinha!... Além de menor rendimento... o pior é vender o leite fiado tantas sema-

nas... Por este caminho assim se discute o que será a Reforma Agrária, no Alentejo... E ainda se alardeou mandar vir de fora 300 mil vacas... para morrerem de fome... ou nos talhos?...

Onde estão os coveiros da Agro-Pecuária?...

6. Só duas notícias: Em 7/1 faleceu aqui em Torres, o nosso bom amigo e assinante do *Cávado* — sr. Manuel Gonçalves da Cruz, cujo funeral foi uma excepcional homenagem e causou profunda consternação nos familiares e nesta sua terra natal. Tinha 58 anos. Acerca da sua assinatura, disse-nos... nem que o *Cávado* custasse 500\$00 não deixava de o receber. Só nos resta pedir que descanse em Paz eterna.

7. Na Rua Nova - Areias - Mindelo - Vila do Conde, está de parabéns o jovem casal Amaro dos Santos, funcionário da Câmara, e esposa D. Maria Júlia, professora Primária, por no dia 31/12/76, ter nascido uma linda menina, a quem foi dado o nome de Patrícia Maria J. dos Santos. Aqui mesmo fazemos votos ao Senhor para todos gozarem as melhores felicidades e alegrias familiares!

Imbecilidade ou vigarice?

Andam os nossos governantes (?) numa azáfama (quase furiosa...) a passear mundo em fora — nada menos de 282 viagens em 27 meses! segundo os jornais — fazendo turismo em países estrangeiros, moendo divisas sem conta: e cá, gastando à vara larga com os «amigalhões»... que vêm comer do pouco que há!...

Outrora, os cegulinhos andavam de porta em porta mendigando, de guitarra e viola, a cantar fados de muitas misérias e de bernal ao ombro para recolha das esmolas, depositadas nos ensebados chapéus ou em suas magras mãos. Era vê-los, famélicos, andrajosos e de botas rotas, de terra em terra, a «butes»...

Faziam chorar — e também as pedras das calçadas, se possível...

com as suas «décimas» versificadas!

Agora os pedintes são diferentes! São de alto coturno, ricamente vestidos e calçados e melhor alimentados, instalados na vida como Sultões e andam em caríssimos «espadas»!

Recompensavam-se os cegulinhos com uma moedazinha (5 reis dez reis... e raramente um vintém) um pedaço de boroa, uma cebola, etc... a troco de uma «décima» ou de um padre-nosso (havia os que não tocavam nem cantavam, mas que rezavam pelas almas das pessoas falecidas, das casas em que pediam).


Os pedinchões de agora lançam décimas pesadas ao ZÉ, à custa de quem vivem parasitas sem conta (olhem a imprensa estatizada!...) e contraem um ror de dívidas (também no estrangeiro) que também o ZÉ terá de pagar um dia, com dinheiro... e na sua falta com a mudança de cidadania...

Mas, o que causa escândalo é a falta de coerência:

Por toda a parte se berra contra os que pouparam e que por isso arranjaram dinheiro. Assim, uma guerra aberta contra o capitalismo e contra o Povo que tem alguma coisa de seu!

Antagonicamente, porque os «amigos» (?) anticapitalistas não têm cheta e só lhes interessa Portugal na medida em que tiram proveito, deles se faz descarada propaganda, a modos de convencem-nos de que é com eles que havemos de viver aos abraços e beijos!...

E vá de deitar à cara a sem-ver-



LIVRARIA PAX

LIVROS . IMPRESSOS . POSTERS . GRAVURAS . DISCOS
NOVIDADES

REPARAÇÃO E LIMPEZA DE MAQUINAS DE ESCREVER,
REGISTADORAS, CONTABILIDADE, ETC.

SEÇÃO INFANTIL:
MODERNO SORTIDO DE JOGOS DIDACTICOS E EDUCATIVOS
CONSTRUÇÕES . LIVROS . DISCOS . BRINQUEDOS . NOVIDADES

TIPOGRAFIA — ENCADERNAÇÃO

UMA ORGANIZAÇÃO RENOVADA AO SERVIÇO DA CULTURA

Rua do Souto, 75 — Telefone PPC 22604 — BRAGA

Comentários

(Continuação da 2.ª pág.)

seguintes motivos, segundo a agência, que dá a notícia:

«A nova chefia militar (em Portugal) tenciona reconstruir serviços armados da sua missão profissional, permitindo a Portugal desempenhar um papel mais forte e mais apropriado na aliança da N.A.T.O.»

Ó Zé, será que, tendo-se abandonado ao comunismo o ultramar, se vai agora combater noutro lado?

Acção Médico-Social passa para a Secretaria de Estado da Saúde

«Data histórica», diria o titular da pasta dos Assuntos Sociais, ao

anunciar a referida passagem em conferência de imprensa.

Segundo o novo esquema, em Lisboa, no Porto e em Coimbra centrar-se-ão os hospitais nacionais que a seu cargo terão os serviços mais delicados e dispendiosos, como seja cardiologia médico-cirúrgica, diálises, neurocirurgia hiperespecializada e transplantações; o hospital «regional» situar-se-á em regiões sanitárias com uma população de um milhão a milhão e meio de habitantes, com todas as especialidades correntes, enquanto os hospitais distritais, servindo 250 mil habitantes, disporão de todas as valências correntes.

Os Centros de Saúde, com três níveis (polivalente, com unidade de internamento e com características rurais) completarão o quadro que constituirá toda a «espinha» do Serviço Nacional de Saúde e a sua regionalização.

Os objectivos a alcançar: racionalizar os serviços com vista a assegurar a toda a população idênticas facilidades de acesso aos Serviços de Saúde e à sua utilização; organizar os serviços de modo a assegurar a sua hierarquização técnica e complementaridade; reagrupar os serviços e o pessoal disponível com vista à sua coordenação e racionalização a fim de procurar aumentar a eficácia e eficiência respectivas; descentralizar o planeamento, a administração e avaliação das actividades de Saúde, e encorajar a participação comunitária tanto ao nível regional como ao nível local na resolução dos seus próprios problemas.

Portugal não entra no Tribunal Europeu dos Direitos do Homem...

Tão ufano com as amplas liberdades, que aqui se gozam e pregam-lhe esta partida.

Requeru a entrada naquele Tribunal, mas, antes, foi obrigado a aderir à Convenção Europeia dos

(Continua na 6.ª pág.)

CARROS dos Emigrantes

Legalizamos, bem como do ex-Ultramar, trocas de Cartas de Condução e outros assuntos automobilísticos, documentação para Passaportes, Escritas dos Grupos A e B, Folhas de Férias e todos os documentos das ex-colónias, Licenças de Uso e Porte de Armas de Caça e Defesa.

Contacte-nos pessoalmente ou por escrito.
Aceitamos representantes.

AGÊNCIA CARDOSO

Rua da Fábrica, 46-2.º-Dto. (a 100 metros da Praça da Liberdade)
Telefone, 24352 — PORTO

Com Filiais em:

GUIMARÃES — Rua de Camões, 16
LORDELO (DOURO) — LORDESCRITA — Telefone, 943703

Vende-se

1 caldeira a Nafta, fabrico Alemão Henchels de 7 metros de pressão, um secador rápido, para tubos ou bobinas, de Fonseca & Seabra; e 3 teares mecânicos largos de 2,20 de pente jacquards.

(Continua na 6.ª pág.)

SOFIR - Sociedade de Turismo de Ofir, S. A. R. L.

Assembleia Geral Ordinária

Convocatória

Convido os Senhores Accionistas a reunir em Assembleia Geral Ordinária no próximo dia 27 de Março de 1977, pelas 15 horas na Sede Social a fim de:

- 1.º — Discutir, aprovar ou modificar o Relatório, Balanço, Inventário de Participações Financeiras e Contas do exercício de 1976 apresentadas pelo Conselho de Administração e o respectivo Relatório e Parecer do Conselho Fiscal;
- 2.º — Eleger os membros da Mesa da Assembleia Geral, do Conselho Fiscal e da Comissão referida no artigo 17.º dos Estatutos para o triénio que termina em 31-12-78.

Ofir, 2 de Fevereiro de 1977.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,
José Bernardino Amândio

Ainda sobre as actividades do M.E.I.C.

(Continuação da 1.ª pág.)

turo. E, por isso, com agrado que se observa o desejo de fazer regressar nos estabelecimentos de ensino um conjunto de regras disciplinares, não consentindo a saída dos alunos, indiscriminadamente, durante o período das aulas, nem permitindo a entrada, nos referidos estabelecimentos, a estranhos, salvo devidamente referenciados.

Efectivamente, um dos mais nefastos resultados da indisciplina, era aquela que levava os educandos a abandonarem escolas e liceus no decorrer das aulas, perdendo as mesmas e gastando em brincadeiras — nem sempre inocentes e desculpáveis — o tempo que deveriam dedicar ao estudo. Esperemos que os estudantes saibam compreender que tais medidas só lhes serão benéficas, tirando delas as correspondentes vantagens.

Benéfico será, também, que alguns professores prefiram, a «progressismos» pouco louváveis, dar aos seus alunos, para assuntos dos seus trabalhos, temas verdadeiramente dignos de serem versados.

Julgamos, portanto, que o Ministro, dentro da tarefa que a si próprio se impôs, está dotando as escolas com os necessários, agentes de ensino. Confiamos que, de facto, o consiga; mas não apenas, com os necessários, sim, com eficientes educadores.

Que os professores o sejam na completa acepção do termo, perfeitos profissionais, autenticamente qualificados — não «paraquedistas» de ocasião que se fizeram docentes à falta de qualquer outra possibilidade.

Com professores que ensinem de verdade, com alunos que, efectivamente, estudem, será possível, dentro de alguns anos, renovar os quadros desfalcados. Sentir-se-ão os estudantes em condições — quando as suas naturais qualidades lho permitirem — de encarar o seguimento dos seus cursos, sem receios de «numerus clausus», capazes de atingir a meta indispen-

sável para chegarem ao fim ambicionado.

Que os estudantes se considerem trabalhadores e, como tal, dêem o exemplo aos restantes para que o País passa, enfim, dirigir-se, com segurança para aquela reconstrução indispensável, por todos desejada, mas que, somente, com o trabalho consciente de todos os Portugueses, poderá ser levada a cabo.

M. de M.

Sabia?...

Acordos de pagamento à Previdência até 28/2.

Os acordos de pagamentos em débito à Previdência só podem fazer-se até 28 do corrente e os requerimentos devem ser dirigidos às respectivas caixas.

Hurrah! por andar a pedir esmola? ...

Uma das coisas que mais impressiona, hoje em dia, é a falta de vergonha colectiva. Afundamos — afundaram-nos... — em lama. Gritamos como ceguinhos as nossas misérias e sentimo-nos ufanos, como heróis.

País de pescadores, tendo a nossa maior riqueza no mar, tendo oferecido, através dos oceanos, novos mundos ao mundo, vemo-nos agora obrigados a sentar-nos nos bancos da escola para que os outros nos ensinem.

Vem isto a propósito do novo acordo Portugal/Noruega, há pouco assinado.

Cultural (?!)... e de pescas.

Como se pode chamar cultural a um acordo, que se reduz ao seguinte?

No campo das pescas os contactos desenvolvidos traduziram-se já em diversas visitas de técnicos portugueses à Noruega e de noruegueses a Portugal. Concretamente, a Noruega colaborou na transfor-

Certifico que por escritura de 17 de Janeiro de 1977, lavrada de folhas 108 v.º, a fls. 111, do livro de notas, para escrituras diversas n.º C-55, deste Cartório Notarial de Ponte da Barca, a cargo do notário licenciado João Dionísio Alves de Araújo, foi constituída entre Daniel Ramôa da Costa e Maria das Dores Cerqueira Soares, uma sociedade por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.º) A sociedade adopta a denominação «Auco-Indústria de Material Eléctrico, Limitada» e tem a sua sede provisória na Rua da Taxa sem número, na cidade de Braga.

§ ÚNICO: — A sociedade pode mudar a sua sede para qualquer outro lado, por simples deliberação de Assembleia Geral.

2.º) O seu objectivo é a indústria metalo-mecânica, podendo explorar qualquer ramo de indústria ou comércio, por simples deliberação de assembleia geral e que a lei consinta.

3.º) O capital social já realizado, é de quinhentos mil escudos dividido em duas quotas, uma de 450 000\$00 pertencente ao sócio Daniel Ramôa da Costa e uma de 50 000\$00 pertencente à sócia Maria das Dores Cerqueira Soares.

4.º) A cessão de quotas é livremente permitida entre os sócios a cessão a estranhos depende do consentimento dos sócios não cedentes.

5.º) A sociedade poderá amortizar qualquer quota, quando esta tiver sido arrestada, penhorada ou

por qualquer forma envolvida em processo judicial, administrativo ou fiscal, que não seja inventário.

6.º) — Um — A gerência da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele activa e passivamente, ficam, com dispensa de caução, a cargo do sócio Daniel Ramôa da Costa, que desde já é nomeado gerente.

DOIS — Para obrigar a sociedade em todos os seus actos e contratos, basta a assinatura do sócio Daniel Ramôa da Costa. Os documentos de mero expediente poderão ser assinados por qualquer dos sócios.

TRES — Os sócios poderão, com vista ao objectivo social, adquirir ou alienar bens móveis ou imóveis e tomar de arrendamento quaisquer bens.

4.º) É vedado aos sócios assinar em nome da sociedade quaisquer actos ou contratos estranhos aos negócios sociais, tais como letras de favor, fianças ou abonações; se o fizerem ficarão pessoalmente responsáveis pelas obrigações que assumirem.

7.º) A gerência será ou não remunerada conforme for deliberado em assembleia geral.

8.º) As assembleias gerais, salvo os casos para que a lei exija requisitos especiais, serão convocadas por carta registada com aviso de recepção, dirigida aos sócios com quinze dias de antecedência.

9.º) Um — Por morte de qualquer sócio a sociedade continuará com os seus herdeiros que deverão nomear entre eles um que a todos

represente na sociedade enquanto a quota permanecer indivisa.

DOIS: — Poderá no entanto a sociedade amortizar a quota do falecido, contanto que tome a deliberação e faça a respectiva comunicação aos herdeiros no prazo de trinta dias a contar da data do falecimento.

TRES — O preço da amortização será igual ao valor que for atribuído à quota em balanço especial para o efeito e deverá ser pago em três prestações iguais, sendo a primeira no próprio acto da amortização e as restantes com vencimento mensal seguido e sucessivo.

10.º) A sociedade pode amortizar qualquer quota, nos seguintes casos:

- a) Insolvência ou falência do sócio titular;
- b) Arresto, arrolamento ou penhora de quota;
- c) Venda ou adjudicação judiciais.

PARÁGRAFO PRIMEIRO: — A amortização será realizada pelo valor da quota determinada pelo último balanço aprovado, salvo se ainda não houver balanço anterior, único caso em que a amortização será feita pelo valor nominal.

PARÁGRAFO SEGUNDO: — O preço ou valor da amortização, fixado nos termos do parágrafo anterior, será pago ou depositado em quatro prestações trimestrais ou iguais, sendo a primeira paga dentro de trinta dias a contar da respectiva deliberação em que a sociedade resolver a amortização.

PARÁGRAFO TERCEIRO: — Considera-se realizada com o depósito efectuado na Caixa Geral de Depósitos, à ordem do Juiz da Comarca a que pertencer a sede da sociedade, da primeira prestação correspondente ao valor da quota, apurada nos termos determinados no parágrafo primeiro.

É certidão narrativa de teor parcial que fiz extrair e vai conforme ao original, nada havendo em contrário ou além do que se narra.

Cartório Notarial de Ponte da Barca, 28 de Janeiro de 1977.

Emendado: «folhas, licenciado, ÚNICO, quotas, bens, vedado, especiais, herdeiros, contas, data caso nominal». Entrelinhado: «UM».

O Ajudante

(Assinatura ilegível)

(Continua na 7.ª pág.)

Trabalhadores da Scheming: banca chama a tribunal

Trabalhadores da Scheming deram por paus e por pedras, só por-

povoamento florestal, turismo, estágio de dentistas, anteprojectos e serviços de apoio nos sectores da saúde, e dos transportes marítimos, fundo de industrialização, assistência técnica à economia, subsídios de interesse e diversos.

mação dum pesqueiro em barco laboratório, na pesquisa dos recursos piscatórios dos mares dos Açores, na entrega dum navio oceanográfico, na colaboração em estudos para a instalação dum rede de frio destinada à conservação da sardinha e ainda na concessão de bolsas a estudantes portugueses no sector das pescas.

Nos campos agrícola e florestal a colaboração norueguesa cifrou-se no apoio a estudos para a racionalização do sector pecuário e na instalação dum centro de estudos florestais.

A política de crédito, a supervisão do orçamento público e o planeamento regional foram objecto de estudo por parte de técnicos portugueses que visitaram a Noruega, tendo-se estabelecido um programa que inclui três projectos: índice de preços ao consumidor, estatísticas de emprego e problemas de computerização, e, ainda, o desenvolvimento dum projecto de um modelo macro-económico simples.

Em termos quantitativos, o apoio da Noruega ao desenvolvimento económico português cifrou-se em 1975 num total de mais de seis milhões e meio de coroas norueguesas; em 1976 em mais de vinte e seis milhões de coroas (incluindo a assistência a refugiados das ex-colónias). Para o ano de 1977, está previsto um orçamento de quarenta e nove milhões de coroas, divididos pelas pescas,

SOFIR - Sociedade de Turismo de Ofir, S. A. R. L.

Assembleia Geral Extraordinária

Convocatória

Convido os Senhores Accionistas a reunir em Assembleia Geral Extraordinária no próximo dia 27 de Março de 1977, pelas 17 horas, a fim de:

- 1.º — Deliberar sobre o aumento de Capital Social para Esc. 24 000 000\$00;
- 2.º — Deliberar sobre a alteração de alguns artigos dos Estatutos, nomeadamente dos artigos 3.º, 4.º, 12.º e 16.º.

Ofir, 2 de Fevereiro de 1977.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,
José Bernardino Amândio

CONTRASTES O Rito Bracarense

Na política ... e na imprensa!

Quando há tempos o grupo parlamentar socialista apresentou à Assembleia da República uma moção de censura ao Governo do Brasil, o Primeiro-Ministro, no mesmo dia deu um jantar à comitiva que o acompanhou ao Brasil no qual tomou parte o Embaixador daquele país.

A Imprensa calou o jantar.

*

Há dias um grupo foi à Embaixada do Brasil entregar um abaixo assinado, que continha 70 mil assinaturas.

O Embaixador recusou-se a recebê-la dizendo que era uma ingerência na política interna de outro País. A Imprensa calou esta resposta ...

Com a «Cuanza»

«Cuanza», a nova moeda angolana arruinou muita gente. O Governo roubou, pura e simplesmente, o público. Menos o MPLA. É que os componentes deste movimento político, avisados a tempo puderam fazer a permuta da moeda ...

Entre a verdade e a mentira

Chegou ao Rio de Janeiro a exposição Arte Portuguesa Contemporânea, da Fundação Calouste Gulbenkian.

O arquitecto José Aleixo Somer Ribeiro, funcionário da Fundação, disse, entre outras coisas, ao «Jornal do Brasil»:

«O regime anterior, além de não ter dado qualquer estímulo a essas iniciativas, dificultou a divulgação,

no exterior, do que se fazia em Portugal. Os artistas por seu lado, recusavam todos os convites que partissem do Governo.»

Gostaríamos de saber quais foram os artistas que recusaram os convites do Governo português! Parece que o contrário desta afirmação é que é verdadeira.

O Ministro dos Estrangeiros sem razão ...

Quando em 9 do corrente Medeiros Ferrelra ia tomar parte no Conselho de Ministros, os órgãos de informação social, como é hábito, puseram-lhe problemas.

Um deles foi este: que fará o Governo Português se o governo de Angola prossegue com as nacionalizações?

(Continua na 8.ª pág.)

Quinquagésima ou não? ...

Roma é satélite de Alexandria e por culpa sua ... A tal ponto, que, quando foi da célebre questão de fixar o dia de Páscoa — o mesmo para toda a Igreja — foi Alexandria a encarregada de estudar cada ano o dia, informando, de seguida, Roma, para que ela o comunicasse a toda a Igreja.

Se Roma se tornou satélite de Alexandria, ou, melhor, do oriente, via Alexandria, a culpa é do conflito entre o papa e S. Hipólito, às da cultura da época e, portanto, da Liturgia.

O santo reuniu em volume as tradições litúrgicas e apostólicas de Roma. O papa não as aceitou e suspendeu o santo. Mais tarde vieram a reencontrar-se, pois foram exilados pelo imperador para o mesmo lugar, devido à perseguição ...

O que o papa não aceitou foi avidamente recebido e acolhido no oriente. Mais tarde, Roma passou a inspirar-se nos mesmos princípios mas em segunda mão e via Alexandria ...

Mas volteemos ao nosso caso: obriga o novo calendário romano a Braga, neste particular? Ou teremos de admitir que, tendo Braga recebido a denominação de Septuagésima, Sexagésima, e Quinquagésima — e o texto, e o fim em vista com tais denominações, que é preparar os fiéis para a Quaresma — tendo Braga recebido isso do oriente, pode considerar-se peculiaridade sua, agora?

Dicant paduaní, neste caso os especialistas do burgo. Enquanto o não disserem, terei para mim que se trata de peculiaridade do nosso calendário, que devemos salvaguardar.

Que nos diz, aqui e agora, a Quinquagésima?

Vem tudo — e o mais belo ... — no capítulo de Laudes e na antifona ad benedictus de Laudes: o 1.º fala-nos da caridade. «Se falar as idiomas dos homens e dos anjos, mas não tiver caridade, sou como bronze que ressoa e címbalo que tine [1 Cor. 13.1, etc.].

«Vamos subir a Jerusalém e lá se vai realizar tudo o que está escrito acerca do Filho do homem: será entregue aos gentios, escarnecido e escarrado, vão-no flagelar e matar, mas ressuscitará ao terceiro dia» [Ant. de Benedictus].

Que mundo de coisas o sacerdote pode tirar daqui para aplicar aos nossos dias?

A. TORRES

A. Luís Vaz

O impossível acontece...

«Mande-me para a cadeia, por favor!»

Eugénio Pires Vieira se chama. Preso em Custódias desde Outubro último quando o apanharam a roubar artigos numa casa comercial.

— Tem alguma coisa a dizer? quis saber o juiz.

— Sim, tenho. Queria fazer um pedido a V. Ex.ª e era que me mandasse para a cadeia. Lá sempre ganho alguma coisa. Trabalho na cozinha. Cá fora, com este desemprego ...

De 2 milhões, roubados milhão e meio ...

O estado — nós todos e os estrangeiros que ajudaram ... — gastou com os desalojados cerca de 2 milhões. Acontece, porém, que, desses 2 milhões, milhão e meio foi parar às mãos de ladrões, que apresentaram recibos falsos ...

Sempre existiu o roubo, mas o que não havia era este despudor, esta pouca vergonha de roubar às claras, na persuasão de que não seriam castigados pelo crime.

Mas serão?

Alemão ser fino: retira-se com pessoas e bens

O leitor recorda-se do sueco ali de Maximinos, que, perante a loucura colectiva de gonçalvistas — dirigentes e dirigidos ... — se pôs ao fresco, deixando uma carta aos trabalhadores para lerem no regresso de férias? Recorda-se? Deixava-lhes as máquinas e o edifício. Que trabalhassem, pois ele, nestas condições, não podia ...

Os trabalhadores não aproveitaram a deixa pelo simples motivo de que não sabiam cortar as peles para as luvas! ...

Com Kallen, de Cheganças-Alenquer, aconteceu melhor. Eles vão aprendendo, claro.

Trabalhava em calças, que exportava sobretudo para a Inglaterra. A matéria prima vinha da Alemanha — a que era destinada a artigos para este país; a outra era portuguesa.

Empregava 200 operários.

Meses atrás, disseram aos trabalhadores que havia necessidade de trabalhar a todo o pano para manter os postos de trabalho. O fabrico chegou a ser de 1.425 calças/dia.

Entretanto a matéria prima ia faltando e não havia maneira de ver chegar mais. Em Dezembro, já não havia com que fazer calças. Os patrões mandam-nos 15 dias para férias. Recusa total, em peso. Os salários atrasam-se. Só em Fevereiro, recebem os de Dezembro e Janeiro, mas pagos pelos compradores ingleses.

(Continuação da 1.ª pág.)

os bancários e só eles — empregados do Estado — têm salários como ninguém; dominam as terras e não as trabalham nem trigos semearam; querem independência e não têm vergonha de estender a mão a toda a gente; somos pelintras e damos ou emprestamos a uns da mesma cor, Guiné.

Se, diz o Vasco Lourenço, isto não pode continuar, porque esperar? Ou se afunda o barco de uma vez ou se conserta de vez. Tem conserto?

Foi Buda quem demonstrou que certas coisas, seja onde for, se não podem fazer. Explicava ele: se alguém me roubasse a mulher e me enganasse e caluniasse e me ofendesse com palavras ofensivas e me fatigasse com estúpida conversa, tal não me ia agradar nem podia nunca agradar a qualquer outro.

Por estas reflexões [o tal jovem leigo] deixa de praticar isso, leva os outros a que o não façam, louva

Entrevistas com o Ministério do Trabalho não recusadas. Com Secretários, idem. Aparece um comprador português desejoso de tomar conta da empresa, mas só pode empregar 40 trabalhadores e, estes, emprega-os, porque seriam pagos com uma bolsa salarial da Secretaria de Estado da População e Emprego.

Perante a loucura das amplas liberdades, estes alemães puseram a salvo o dinheiro deles, em primeiro lugar, e, depois, foram pagando os salários com o dinheiro dos compradores ingleses ... Agora regressam à Alemanha, se as coisas não mudarem ...

Os trabalhadores queriam que eles os agentassem, mesmo sem trabalho. O conflito principiou, quando os patrões despediram 98 operários alegando que não havia

que fazer. Os colegas opuseram-se e teimam em que ou trabalham todos ou nenhum ...

Porque não vão para a Rússia ou não pedem a esta que lhes valha? Avô Cunhal, o caso agora é contigo ...

Puseste-os assim. Aguenta-os... aos alemães e aos de cá! ...

Portugal vende gasolina a 21\$00 o litro e exporta-a a 8\$90! ...

Segundo a ACP, os 10% no agravamento do custo do petróleo só deveria aumentar a gasolina mais \$90. Apesar disso, o governo aumentou para 3\$50 o litro.

(Continua na 7.ª pág.)

Modos de pensar

o abandono de tais acções. (La Philosophie Indienne, pg. 309).

Muito bem: mas que vemos nós aí senão cada um a fazer, para si, aos outros o que protesta se outro lho diz?

Somos gente sem princípios? Um povo suicida? Será que já antigamente éramos tão «vadios» que foi preciso os reis da 1.ª dinastia

obrigarem-nos a trabalhar à força? (Contra — A. Castro, A Evolução Económica de Portugal, vol. V — 172-244).

Há muitos modos de pensar, mas alguns dão ruínas. Aqui não é verdade irem todos os caminhos dar a Roma (dar certo).

BATATA DE SEMENTE

ESTRANGEIRAS E NACIONAIS

Para entrega imediata

Rodrigo da Costa Gomes Lda.

Rua D. Frei Caelano Brandão, 15

ARRAN-BANNER • ARRAN-CONSUL • BINTJE
DESIRÉE • KENNEBEC • RED-PONTIAC

DAS MELHORES PROCEDÊNCIAS

Descontos a Grémios e Revendedores

Telefone 2 25 57

BRAGA

CARTAS AO DIRECTOR

Esposende, chegou a hora?

Fão, 11 de Fevereiro de 1977

Exmo. Senhor Director

O semanário de V. Ex.ª publicou no passado dia 11 uma local, intitulada «Esposende chegou a hora?» que nos parece uma tentativa de manipulação da opinião pública deste concelho de Esposende.

Não há inteira verdade sobre o conteúdo da local e, tendo pertencido à Comissão Administrativa cessante e actual vereador, não podemos encarar o escrito — e demais a mais sob pseudónimo, de ânimo leve e de braços cruzados. Por isso, julgamos oportuno algumas considerações para esclarecimento público.

Não há, em verdade, entendimento pois, se assim fosse, os representantes eleitos pelo povo para a Câmara Municipal teriam chegado a acordo sobre a distribuição dos pelouros. Não houve entendimento e, tomando-se por base, um Código Administrativo obsoleto e fascista, mandou-se para o pelouro de limpeza e higiene um engenheiro civil, enquanto que, para o pelouro de obras, onde é necessário conhecimento de legislação e técnica de construção civil, foi entregue a um marchante; as datas das reuniões quinzenais, por alternativa claro está, coincidem com dias prejudiciais à actividade profissional de um dos vereadores.

Quanto a abandono e inércia, diremos que durante o mandato da mesma Comissão Administrativa, foi reactivada a obra de captação

de água no Marachão; Em Apúlia, obras de melhoramento de pavimentos e embelezamento à área da praia; Fonte Boa, estrada de ligação a Apúlia; em Fão, adjudicação da rua dos Velgas e melhoria de iluminação pública; Esposende, pavimentação da rua António Abreu, acesso do quartel dos Bombeiros Voluntários à Marginal, Trav. dos Pescadores, remodelação e ampliação do cemitério (projecto ainda em Informação na Direcção Geral de Saúde), nova postura de trânsito, acabamentos na avenida de Góios, diligências para o pavilhão gímnodesportivo e da Escola Preparatória; início de limpeza e embelezamento da fonte; projectos de pavimentação de várias ruas e de cobertura a betuminoso da Marginal; obras de caminhos e estradas em Marlinhas, Antas, Belinho, Gemeses, Palmeira, melhoria (apenas tentativas por que não deixaram fazer mais) de iluminação e fornecimento de energia eléctrica nas freguesias, projecto do Centro de Apoio Rural em Carreira Cova para novo aglomerado populacional, etc., além de actividades de propaganda turística.

Muito mais haveria para dizer, mas quedamo-nos por aqui. Se entretanto houver necessidade de mais, pois haverá mais para relatar, sem manipular o público, sem demagogias.

Agradecendo a publicação deste esclarecimento, creia-me respeitosamente, e com os melhores cumprimentos,

Artur Lopes da Costa

TRIBUNA LIVRE (Continuação da 3.ª pág.)

Burros ou burlões? Ou ambas as características?

Há poucos dias, a TV angustiou-nos com as expectativas do Congresso dos Sindicatos.

Se foi com simples intenções de nos proporcionar um espectáculo à maneira dos que temos visto sobre o «Farwest», com retrospectiva de ameaças de crueldade, a avaliar pelas expressões que nos trouxeram à lembrança, apenas, instintos do homem da selva, primitivo, justifica-se o gasto de dinheiro com tão longa metragem?

Se foi com intenções amorosamente propagandísticas da sorte que nos espera, aos que nada lucrámos com a sindicalização, está a TV de parabéns pela perfeição do seu bem remunerado trabalho, à custa do Zé... E, então, parabéns aos internacionalistas, aos apátrias e àqueles em cujas boas mãos estão as célebres «G-3» (de Otelo) e todos aqueles que vierem a possuí-las, depreendendo-se que a URSS não se desmazelará... e, «isto» lhe cairá definitivamente no papo!

E que não são meia dúzia (diga-se assim, tendo em conta a proporção) de bons portugueses, estrênuos defensores da liberdade e da independência de Portugal, a começar pelo Chefe do Estado, que aguentam isto!

Uma vez que rebentaram as represas do condicionalismo de liberdades não se me afigura fácil, nem mesmo possível, reconstruir as «barragens» com a libertinagem à solta, a minar-lhes os alicerces!

Os ditadores da Intersindical, ao arrogarem-se de defensores de todas as classes trabalhadoras,

comportam-se como donos e potentados!

Ora, todos os portugueses são trabalhadores, consoante a sua condição, e, certamente, os camponeses mais do que os arautos da Intersindical, que levam, na sua maioria, vida regalada e recebendo salário mesmo sem trabalhar... o que os camponeses não podem imitar, fazendo greves, do que resultaria os intersindicalistas (e por aí abaixo) morrerem à fome, como todos os demais portugueses!

Mas, porque com tanta exploração, com tanto sugar os camponeses (os autênticos, que não os da «república do Alentejo», que esses vivem à custa das burras do Estado!) as terras vão sendo abandonadas pelos que não querem e podem prescindir de continuarem escravizados a uma Agricultura deficitária, a fome vai-se generalizando desgrazadamente!

Esta afirmação nada tem de profética: é absolutamente lógica para quem, tendo alguns conhecimentos sobre a «Ciência de Governar», se der ao trabalho de raciocinar.

Outro aspecto:

Será por burrice ou por vigarice que os sindicatos (incoerentemente!) — arreganham a dentuça contra o «Fascismo» (que praticam!)?

Fascismo deriva de «Fascio», palavra italiana que significa *fetice*.

Mussolini (o ditador italiano que bom seria Deus tivesse chamado a contas antes da II Guerra Mundial) que era socialista, fundou (1919) o seu partido político, mundialmente conhecido sob a designação de «Fascismo». Como símbolo, tinha um felxe de varas, significando que «a união faz a força»...

E o caso da fábula (?) do velho que, à hora da morte, mandou chamar, à cabeceira, os seus filhos (bastantes) recomendando que cada um trouxesse uma varinha seca. Todos juntos, pegou uma a uma, de cada vez, e quebrou-lhe uma ponta, sem grande esforço. Depois, mandou que as ligassem, em feixe, bem amarradas, e deu-o, a cada um dos filhos, para que, individualmente, tentassem partir o feixe... o que nenhum conseguiu.

Depois, o velhinho recomendou-lhes que também se manti-

vessem sempre em perfeita união para poderem resistir às adversidade da vida...

É lógico pensar que Mussolini, embora ambicioso do Poder (conseguiu-o em 1922) quisesse instaurar no seu país um regime político que fizesse ressurgir a Itália, da anarquia, (e conseguiu-o) e todos os italianos fossem mais felizes, certamente simbolizados nas varas do seu «fascio», sem classes privilegiadas.

Quanto à palavra, «Fascismo», ela é inocente. Quanto aos métodos usados, não importa discutí-los aqui.

Não será verdade que os dirigentes (ditadores!) sindicalistas apelam (e... impõem!) para a unidade («fascio») e que a Intersindical (ultrafascista!) quer amarrar todos os sindicatos ao seu poderio, adocicado com o termo UNICIDADE?!

Porventura, esta unicidade não implica lutas contra alguém ou classes?!

Não implica divisionismos anti-democráticos, em lutas entre si? E será assim que se alcança a felicidade de todos os portugueses? De modo nenhum!

Se é verdade (como se tem visto escrito) que sendo a Intersindical internacionalista, com sede em Moscovo, poderá arvorar-se de defensora de classes, que escraviza, (mesmo indirectamente) e das que pretende escravizar, sob o jugo soviético (cruelmente anti-democrático, onde nem sequer se pode sonhar com greves e muito menos com liberdade de consciência, daí que a existência de religiões é simulada!)?

Tudo visto: para que se berra, por todos os cantos, contra o «fascismo», contra a união, quando estes, falsos anti-fascistas, refinadíssimos hipócritas (!) tanto apelam para que os patetas, alegres ou tristes, se submetam à sua união, ao seu «fascismo»?!

Pois, se eles são medularmente fascistas nos seus agrupamentos, cujos cabecilhas são donos e senhores ditadores e os que lhes obedecerem cegamente, são mais tolos que carneiros?!

Poderemos ter paz e bem estar geral (que não só para os ditadores!) sendo dominados por quem quer impor o cumprimento das suas ordens monopolistas?!

Monopolistas, sim, também do pensamento!

ZÉ PACÓVIO

Comentários

(Continuação da 3.ª pág.)

Direitos do Homem. Ora a referida organização exige que Portugal respeite os direitos dos outros, o que não tem feito.

«Esqueceu-se» de pagar as indemnizações aos que ficaram sem o que era seu: bancos, terras, etc.

Proprietário leva trabalhadores ao tribunal...

Facto inédito depois do 25 de Abril: Loures assistiu ao julgamento de 3 trabalhadores da Sociedade Agrícola Quinta da Romeira, Lda., porque Geraldês Barba, administrador e accionista, se julgou agrado com afirmações deles.

Os três trabalhadores subscreveram, juntamente com os restantes membros da Comissão de Trabalhadores e delegados sindicais da Quinta da Romeira, em Maio do ano passado, um comunicado intitulado «Alerta Trabalhadores», em que chamavam a atenção dos seus camaradas de trabalho para o significado da próxima reintegração do administrador e accionista Geraldês Barba. No documento, denunciavam-se «as dezenas de milhar de contos de encargos que a administração do accionista sr. Geraldês Barba deixou à respon-

sabilidade da S.I.F. sem se ter importado com o facto dos trabalhadores serem os mais prejudicados com essa situação, pois se eles não existissem já todos nós trabalhadores da S.I.F., poderíamos desfrutar de melhores salários e de outras regalias sociais de acordo com o custo de vida actual».

Entre outros «ajustamentos» os trabalhadores exigiam ao accionista que liquidasse a verba que tinha em aberto na SIF, «da ordem dos milhares de contos e que se en-

contra lançada numa conta que no momento actual pode ser a ruína da empresa e, a liquidação de qualquer hipótese de melhores regalias salariais e monetárias dos trabalhadores».

Se a coisa pega, é o diabo, Zé. Ele é o BPA que chama a tribunal trabalhadores por se lhes terem escapado certas afirmações. Ele é este administrador que envereda pelo mesmo caminho...

Para mais, as autoridades já não consentem manifestações contra os juizes ou saneamentos deles...

Tão depressa se lhes acabou a festa!... Também já não era sem tempo...

Pais chamados a depor no tocante à educação

Está publicada a lei que regula a participação das Associações dos Pais na educação dos filhos. Ela:

«As associações de Pais e encarregados de educação quando legal e democraticamente constituídas, é reconhecido o direito de dar parecer sobre as linhas gerais da política de educação nacional e da juventude e sobre a gestão

dos estabelecimentos de ensino, obrigatoriamente quanto às iniciais legislativas relativas àqueles graus de ensino que revistam a forma de proposta de lei, e facultativamente nos restantes casos».

Quando acabam as greves e se começa a trabalhar?

Foi suspensa a greve da Função Pública, marcada para o dia 15, depois de o Governo se ter com-

prometido a ouvir os interessados quanto aos problemas que lhes dizem respeito.

Em relação à greve das pescas, o Governo decidiu, nos termos de uma nota oficiosa divulgada pelo Ministério dos Transportes e Comunicações, a «requisição civil de navios e tripulações», o que implica a aplicação aos trabalhadores do estatuto disciplinar dos funcionários do Estado, isto é, conforme a Nota Oficiosa «lembra», penas que podem ir da suspensão do exercício

e salário até à demissão, «independentemente de processo disciplinar». Os trabalhadores, por sua vez, considerando tal medida de «repressiva e indigna de um Governo que se diz socialista», decidiram manter a greve às horas extraordinárias e ainda, «correspondendo às manifestações de solidariedade das tripulações dos navios que se encontram nos portos estrangeiros», alargar a luta a esses portos.

(Continua na 7.ª pág.)

Até que enfim...

Sabia?...

(Continuação da 4.ª pág.)

que o BPA os acaba de chamar à PJ para prestarem declarações.

Móbil do caso foi terem os referidos operários afirmado que a actuação do banco era de clara sabotagem, pois, negando-se a emprestar dinheiro à firma, em breve iria para a falência, o que obrigaria o governo a indemnizar o proprietário, ausente do país após o 25 de Abril.

Referiram que tinham por receber imenso dinheiro, que fora pedida a intervenção do Estado em ordem a um empréstimo, sem resultado. A SEE pediu um novo

estudo dizendo que só dele dependeria a decisão final.

O trabalhadores insistem na viabilidade da empresa.

Coitados!... Conduziram-se de tal modo, que já nem proprietário, nem estado estão para os aturar...

E o problema é só este.

Banco empresta, se patrão vier, mas este... faz-lhes uma figal

Esta é da fábrica de malhas Fertex, parada há um mês por falta de matéria prima. Não há dinhei-

ro... e o banco só empresta, se o patrão regressar à empresa.

É o regressas!...

Fizeram-nas? Paguem-nas...

Chega sempre o dia do ajuste de contas... E que contas...

OIT vem ensinar-nos a criar postos de trabalho para desempregados

Decididamente: estamos uns analfabetos. Ele é virem ensinar-nos como pescar bem e conservar o peixe em frigoríficos... Ele é virem ensinar-nos como arranjar lugares para meio milhão de desempregados.

Passou por esta cidade o secretário de estado do plano, Dr.ª D. Manuela Silva, que dinamizou uma série de reuniões com vista a conseguir empregos em diversos ramos de actividade: agricultura, comércio, turismo, têxtil, metalomecânica, etc., etc. dos distritos de Braga e Viana.

Presentes, delegados do OIT que contactaram com portugueses sobre o assunto.

As conclusões serão publicadas a seu tempo.

Somos de parecer que, se os trabalhadores trabalharem mesmo, se as relações de trabalho forem a sério, se o absentismo acabar, voltaremos ao «antigamente».

Não precisaremos de estrangeiros.

É que, antes do 25 de Abril, ofereciam-nos dinheiro e o governo recusava. Agora pedimos como ceguinhas e até vem professores ensinar-nos o que temos a fazer.

Até que enfim...

(Continuação da 6.ª pág.)

Como pode ter credibilidade um ministério que age ao sabor dos ventos?

O ministro do Trabalho, dr. Marcelo Curto, deu a conhecer, discursando num comício da JS, em Alhandra, a existência de um projecto-lei sobre formas de pagamento da quotização sindical, a qual voltará a ser processada através da entidade patronal.

Com franqueza: de quem tem medo? Não era melhor pensar duas vezes antes de tomar uma decisão? Se convém que os trabalhadores liberrimamente, paguem as cotas ao sindicato ou não queiram estar neles filiados, por que motivo se obriga o patrão a um trabalho, que detesta? E porque se obriga o trabalhador a continuar a ser considerado como analfabeto ou irresponsável? Isso era no «antigamente»...

Como se pode ter consideração por um ministério, quando se limita a andar ao sabor do vento?

Teixeira de Queiroz homenageado na sua terra

Foi inaugurado o busto de Teixeira de Queiroz no Jardim dos Poetas de Arcos de Valdevez, estando presentes, entre outros, o Eng.º Henrique de Barros e Doutor David Mourão Ferreira.

A efeméride foi solenizada com palavras dos dois membros do governo e do presidente da Câmara Municipal, sr. Fernando Freitas.

De tarde, no salão dos Paços do Concelho, o Secretário da Cul-

tura proferiu uma conferência sobre o homenageado, que foi muito aplaudida e mereceu rasgados elogios ao Prof. Henrique de Barros, que encerrou a sessão.

Manuel Alegre ocupa-se dos meios de Comunicação Social

É de salientar o trabalho e o esforço desenvolvido pelo Secretário da Comunicação Social, o escritor e poeta Manuel Alegre, em pró da imprensa, sobretudo regional. Além do «Porte Pago» em vigor, na última comunicação ao país anunciou mais as seguintes medidas, que, a serem postas em marcha, devem facilitar bastante a vida de todos nós.

São elas.

Incentivos fiscais; imposto de compensação; imposto de circulação de viaturas; imposto de selo sobre a publicidade, que passará a constituir fundo próprio da Secretaria de Estado da Comunicação Social, para apoio permanente aos meios de comunicação; anulação de taxas alfandegárias para a importação de certas matérias-primas, apetrechamento e manutenção técnica dos equipamentos; manutenção do «porte pago», para Portugal e estrangeiro; criação de taxas preferenciais para telefone e telex; permuta de serviços entre as transportadoras nacionalizadas e os meios de comunicação social; subvenção de encargos resultantes da manutenção de serviços das agências noticiosas; manutenção, já assegurada no mercado internacional, dos actuais custos do preço do papel e do seu pagamento em moeda portuguesa, estando igualmente quase assegurada a redução do custo do papel.

O impossível acontece...

(Continuação da 5.ª pág.)

Como se isso não bastasse, vende a gasolina para os países de língua portuguesa apenas a 8\$90. Quer dizer: para nós, os filhos, é madral para os estrangeiros, é mãe...

Tanta pressa para nada...

Mário Soares foi ao Brasil com dois fitos: instalar aí 200.000 desalojados e trazer consigo os empresários portugueses, fugidos após o 25 de Abril.

Dois meses são volvidos e as autoridades brasileiras mostram-se surpreendidas, porque nada mais se fez. Palavras suas:

«Para acelar os emigrantes portugueses» — sublinharam fontes diplomáticas brasileiras — «é necessária a existência de um projecto concreto e meios de o financiar, sobretudo no que respeita ao sector agro-pecuário.»

Tais fontes salientam ainda o facto de não haver problemas de emprego no Brasil para técnicos qualificados mas, no caso de retornados sem tais qualificações, as únicas perspectivas de trabalho situam-se na agricultura e nos serviços, onde as dificuldades são maiores, devido à exigência de investimentos externos.

O «fascista» PCF tornou-se grande capitalista

O Partido Comunista Francês é um dos maiores proprietários franceses com 170 jornais, 24 tipografias, 300 empresas comerciais, algumas de nível internacional, e 130 prédios espalhados por todo o país.

Records em Portugal...

Ou para cima: somos o 2.º consumidor de álcool

da Europa

Há em Portugal cerca de meio milhão de alcoólicos, 100 000 dos quais têm necessidade imediata de tratamento urgente. O mal é que só existem 60 camas e reduzido corpo clínico e de enfermagem.

De resto, os tratamentos só podem ser feitos em Lisboa, Coimbra e Braga.

Ou para baixo: quebra de produção Em 1976, a produção foi:

MILHO — 357 milhares de toneladas (decréscimo de 33% em relação à média do último decénio), FEIJÃO — 29 milhares de toneladas (decréscimo de 42% em relação à média do último decénio), BATATA — 853 milhares de toneladas (quebra de 16 a 23% em relação ao ano anterior), ARROZ — 89 milhares de toneladas (decréscimo de 43% em relação à média do último decénio).

Repondo a verdade

Bela resposta (fascista)...

(Continuação da 1.ª pág.)

não é o caso do sr. Comissário Nacional, mas com menos curta memória e maior flexibilidade de reflexão, sabe que justamente durante o referido período as artes plásticas portuguesas sofreram o seu grande arranque e incremento. Não pode ignorá-lo quem teve ocasião de frequentar as exposições do S.P.N. (Secretariado de Propaganda Nacional), a S. Pedro de Alcântara, e, mais tarde, as salas do S.N.I. (Secretariado Nacional de Informação), no Palácio Foz, aos Restauradores — onde foram sistematicamente trazidas ao grande público trabalhos de Amadeu de Sousa Cardoso, Mário Eloy, Eduardo Viana, Abel Manta, Diogo de Macedo, Milly Possoz, Ofélia Marques, Sara Affonso, Estrela Faria, Jorge Barradas, Barata Feyo, António Duarte, Martins Correia, Álvaro de Brée, etc., etc.

António Ferro, ele próprio poeta e jornalista brilhante, foi o grande impulsionador, a mola dinâmica que pôs em movimento todo um grupo de artistas heterogêneo, de ideologias profundamente divergentes e formação estética diversa — porém com um traço comum a identificá-lo: o seu incontestável valor.

Cito de cor e ao acaso, o nome de alguns desses artistas, que participaram nas Exposições Internacionais de Paris (1937), Exposição Mundial de Nova York, (1938/9) e no Mundo Português (1940): Jorge Segurado, Carlos Botelho, Bernardo Marques, Fred Kradolfer, Thomaz de Mello, Keil do Amaral, Emmérico Nunes, Paulo Ferreira. A colaboração assídua prestada por esta plêiade de artistas e muitos outros que — ao invés daquilo que afirma o sr. J. A. Ribeiro, receberam e aceitaram frequentes encomendas do Estado — doou ao País obras extremamente válidas, patentes a todos quantos não tenham grossos argueiros nos olhos. Lembro os belíssimos painéis de Almada Negreiros, concebidos e realizados para a Gare Marítima da Rocha, os frescos do átrio do Diário de Notícias, do mesmo autor; as estátuas da Avenida da Liberdade, em Lisboa: Almeida Garrett e Alexandre Herculano — de Barata Feyo; Castilho e Oliveira Martins — de Leopoldo de Almeida; o Monumento aos Descobridores, em Belém; a estátua equestre de D. João IV — de Francisco Franco, a de Camilo — de António Duarte; e toda uma galeria de guerreiros, navegadores, santos

e poetas, numa palavra, os «notáveis» de uma velha e nobre Nação (que esses, sim, a construíram e dignificaram), foram perpetuados na pedra, na tela, na tapeçaria e no azulejo e trazidos ao conhecimento e ao convívio do povo, do Norte do País à ponta de Sagres. Estão ainda espalhados por todo o País — embelezando as suas praças e jardins públicos, os Ministérios, as Escolas e os Liceus, as Cidades Universitárias.

Como interpretar, neste caso, essa outra afirmação do sr. J. Aleixo Ribeiro: «... Os artistas, por seu lado, recusavam todos os convites que partissem do Governo»? Sabemos como são perigosas e dúbias as generalizações, que metem no mesmo saco o gato e a lebre.

Mais adiante, e sempre na mesma linha de incoerência, diz o sr. J. Aleixo Ribeiro: «... desde 1940, o Governo limitou-se a apoiar uma dúzia de pintores oficiais sem grande expressão artística». No entanto, sem ir mais longe e limitando-nos a consultar o catálogo-guia da exposição em causa, verificamos que os prémios atribuídos pelo S.N.I. a alguns dos artistas presentes, distinguiram, entre outros: Carlos Botelho; Dárdio Gomes

(1944); Almada Negreiros (1943, 1946, 1959); Nadir Afonso (1967, 1969); Júlio Resende (1949, 1960); Nuno Siqueira (1962, 1963). Com estranheza, não podemos deixar de pôr a pergunta: porque se trouxe, então, a Brasília, S. Paulo e Rio de Janeiro, justamente um grupo de que se destacam artistas que o regime deposto, de Salazar e Marcello Caetano, distinguiu e galardou — o qual, segundo o critério do sr. Comissário Nacional, apenas teria sabido «apoiar» uma dúzia de pintores oficiais sem grande expressão artística?!

E já agora — sempre de catálogo — guia na mão — vale a pena fazer outro reparo: além das obras presentes na mostra, premiadas, muitas outras foram também adquiridas pelo dito «governo salazarista» e fazem hoje parte dos patrimónios do Museu Nacional de Arte Contemporânea e do actual S.E.C., que directamente as herdou do antigo S.N.I.

A verdade é que, doa a quem doer, as encomendas e aquisições se fizeram até vésperas do «25 de Abril», pelo Governo deposto. Sem escolha de cor ideológica, antes atendendo à craveira do artista e ao nível da sua obra. A atestá-lo, e apenas para apontar um exemplo entre outros, recorde-se a importante e recente encomenda aceite e realizada pelo pintor Abel Manta, feita através de Santos e Castro, pela Câmara Municipal de Lisboa, dependente do Ministério do Interior.

Notícias várias

Mais de dois milhões de turistas em 1976

Foi de 2.175.370 o número de turistas entrados em Portugal em 1976.

Enquanto a Espanha vem à frente com 1.040.329, a Inglaterra mandou 244.552; a França, 134.432; a Suécia, 49.166; os Italianos, 66.636; os brasileiros, 43.700; a Rússia, 17.876; a Bulgária, 7.652; a Polónia, 6.093; a Roménia, 997 e os alemães orientais, 498.

Também se vota com as viagens, não é verdade? O escasso número de turistas de leste, revela que as populações não têm o desafogo económico dos ditos capitalistas. A diferença é de abismo entre eles e o ocidente: Inglaterra, 50 milhões de habitantes, 244.552; a Rússia, mais de 200 milhões, 17.876!

Para breve fotocópias de advogados que receberam chorudos honorários dos fascistas que agora destroiem?

Assim diz «Templário», 11-2-77: «Prometemos dentro de pouco tempo publicar as fotocópias de recibos de ilustres advogados antifascistas que receberam chorudos

honorários dos mesmos capitalistas, que se encarregaram de destruir e de quem dizem tanto mal».

Vai ser uma bomba... Mas que bombal...

Imprensa estatizada, ontem e hoje...

O público fica pasmado com as somas astronómicas dos déficits acumulados pela imprensa estatizada. Afirma-se, até, que, antes, eram os bancos que pagavam as despesas. Não é exacto.

O «Diário de Notícias, por exemplo, dava lucros/ano entre 40 a 50 mil contos. O «Jornal de Notí-

cias», uns 3 mil, «O Século» também não era deficitário. (Diário Popular» dava imenso dinheiro.

Que se passa? O mesmo que ao «Diário da Manhã» do antigamente... Obrigaram-nos a transformar-se em outros tantos diários da manhã...

CONTRASTES

(Continuação da 5.ª pág.)

Medeiros Ferrelra replicou que se prosseguirem com elas, e em decisão unilateral, sem conversações com o Governo de Portugal, este também tomará decisões unilaterais. Por causa das nacionalizações? Perguntamos.

Mas o Governo português não tem autoridade para condenar o Governo de Luanda, pois mantém nacionalizações que o Partido Socialista sancionou...

Atrapalhação de Medeiros Ferreira

Na mesma altura perguntaram se o problema da iniciativa privada, já que em Portugal não está definida juridicamente, na prática, não será um obstáculo para Portugal entrar na Comunidade Económica Europeia.

O Ministro dos Estrangeiros defendeu-se com a Constituição. Mas não soube responder à pergunta concreta feita com objectividade e oportunidade.

O Governo português e os Direitos do Homem

O Governo quer que Portugal seja admitido no Tribunal Europeu dos Direitos do Homem.

A admissão tem sido recusada, porque a Convenção Europeia dos Direitos do Homem ainda não ratificou a adesão de Portugal.

E esta ratificação ainda se não verificou por esta simples razão: como pode Portugal entrar nessas organizações internacionais se o Governo não respeita os direitos do homem, pois ainda não indemnizou os cidadãos expoliados dos seus bens legítimos, devido às nacionalizações?

Ansia pelo capitalismo

O Partido Comunista Português (marxista-leninista), que não é, felizmente, o de Álvaro Cunhal, declarou, ao terminar o sétimo Congresso, pela boca de Álvaro Vasconcelos que «só a recuperação capitalista poderá salvar a democracia do social-fascismo», pelo que interessa dar «confiança à iniciativa privada» e promover o regresso dos «grandes capitalistas» que estão no estrangeiro, contanto que respeitem a democracia.

Ao fechar da página

Jimmy Carter e a política externa de Washington

Durante a campanha eleitoral, nos Estados Unidos, Carter criticou, sistematicamente, o Secretário de Estado de Ford, Kissinger, por haver fundamentado a política externa dos Estados Unidos, numa política de blocos.

Segundo Carter, a política dos Estados Unidos inclinou-se a dividir o mundo em dois blocos: «Estou pelos Estados Unidos contra a União Soviética» ou «Estou pela União Soviética contra os Estados Unidos».

Carter propõe-se evitar essa política. Como? Ele próprio o diz:

1. «Espero estabelecer, o melhor que puder, uma posição na qual o nosso país seja o líder do mundo, com base, não no poder militar, ou na persuasão política, mas no facto de que somos justos e decentes; que em cada nação, assumimos a melhor posição que pudermos de acordo com o que seja melhor para o povo que vive ali»;
2. as relações bilaterais, como resultado da atitude anterior, sobrepor-se-ão às relações de blocos. «Outro ponto, disse Carter, é tratar as nações em desenvolvimento como indivíduos, não como bloco. E isto se aplicará não só às nações africanas, mas também às nações Latino-Americanas e da Europa de Leste. Queria intentar climentar, o melhor que possa, uma boa relação sobre comércio, intercâmbio cultural, intercâmbio de estudantes, turismo e ajuda exterior, e utilizando-me a mim próprio e utilizando aos membros do meu gabinete, e, possivelmente, em certas ocasiões, aos governadores, como emissários especiais, e aos membros da minha família, espero conseguir o que chamamos uma «ordem mundial» em vez de uma política de poder. O poder mundial significa, para mim, tratar de estabelecer a paz».

Estas declarações francamente simplistas terão de ser aplicadas, e só então saberemos qual a política exterior de Jimmy Carter. A escolha do Secretário de Estado para a política exterior, Cyrus Vance, parece revelar que Carter reserva para si essa função como primordial, não obstante a elevada categoria da pessoa escolhida.

Cyrus Vance é um advogado de 59 anos de idade, e um democrata de sempre. Trabalhou com

Kennedy e Johnson em assuntos de defesa, foi negociador eficaz nas crises do Canal de Panamá em 1964, de Santo Domingo em 1965, de Detroit em 1967 e, sobretudo de Chipre em 1967. Agiu, quando se desenhava a intervenção norte-americana no Vietname, visitou a China em 1975.

Reportando-nos a Carter e em relação à sua política externa, convém recordar uma posição que já assumiu em plena campanha eleitoral: a do canal de Panamá.

Carter pronunciou-se, com muita dureza, contra as reivindicações que o Panamá faz do Canal. Chegou a afirmar no debate com Ford, na Televisão, que os Estados Unidos jamais abandonariam a soberania sobre o Canal e a zona do mesmo.

Ora a verdade é que o Panamá, quanto a esta reivindicação não está só. É apolado pela América Latina e, até, pelo Episcopado Católico dos Estados Unidos.

Se Carter mantém esta decisão temos de concluir que não está disposto a ceder em nada daquilo que considera necessário para os Estados Unidos.

Convém lembrar que Kennedy, quando a Rússia pretendia instalar mísseis em Cuba, não hesitou em ameaçar Moscovo com represálias bélicas. E a Rússia recuou...

Também já alguém lembrou que as guerras em que os Estados Unidos entraram tiveram sempre na Casa Branca Presidentes do Partido Democrático, a que Carter pertence... Carter, no entanto, apresenta-se como homem defensor da paz, sem ameaças bélicas.

Sobre política geral de Carter escreveu, uma revista estrangeira: «Escreveu-se que a política dos Estados Unidos continuará na mesma em muitas questões internacionais e, inclusivamente, nacionais, depois de Carter se instalar na Casa Branca, e eu verifico uma parte da verdade. Mas é preciso dizer toda a verdade. Por isso acrescento que dentro de umas estruturas aparentemente inamovíveis, o triunfo do candidato democrata trará mudanças favoráveis aos norte-americanos mais pobres, aos negros, e uma influência liberal em todo o mundo. A gente não se engana e tem bom olfato. Por alguma coisa a maioria dos grandes financeiros votou pelo partido republicano».

Jimmy Carter é do partido democrático.

JÚLIO VAZ

Família de «O Cávado»

Antes de mais nada, lembramos aos nossos assinantes do estrangeiro que, a partir de 1 do corrente, o correio é mais caro para eles. Apesar de o Secretário da Comunicação Social ter prometido que o transporte seria gratuito, ainda não chegou esse ditoso mo-

mento. Estamos, portanto, a pagar por via normal 3\$50 para cada. De avião é mais caro, evidentemente.

A Senhora D. Maria de Fátima Ferrelra Letras enviou-nos uma longa lista de possíveis assinantes. Bem hajal Já seguiram os primeiros jornais.

Também o sr. Manuel da Rocha Rodrigues nos indicou outro novo. Gratíssimos.

Tiveram a bondade de pagar a assinatura de 1977 os snrs.: José Gomes Morgado, D. Maria Gonçalves Chaves, António Manuel Machado Fernandes Novais (300\$), anónimo de Lisboa (300\$00), José Edíllo de Azevedo Silva, Eduardo Sequeira Estrada, Benjamim Alves Martins, Dr. Vidal Caldas Nogueira (200\$00).

Outros pagaram 1977 mas não nos autorizam a publicar o nome.

Devemos especial referência ao nosso distinto colaborador, sr. Martinho de Almeida Castelão, autor das «Crónicas Bairradinas», cuja colaboração tem concorrido para que muitos habitantes da região assinem «O Cávado».

Aqui deixamos para todos os nossos melhores agradecimentos.

O Cávado

Director:

Eng.º Armando António Correia

Proprietário:

Dr. José Bernardino Amândio

Coordenador:

Dr. Carlos Nuno Salgado Vaz

Redacção e Administração: Rua dos Chãos, 90-2.º Trás — Telef. 25284/27065/27066 (p. f.) — BRAGA

Composto e impresso na Livraria Editora Pax — Rua do Souto, 75 — BRAGA